

Reflexos da relação professor-aluno para a aprendizagem no contexto formal de ensino

Priscila Alves de Paula Beloⁱ 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Rayssa Melo de Oliveiraⁱⁱ 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Renato Carneiro da Silvaⁱⁱⁱ 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

1

Resumo

Este artigo apresenta uma discussão sobre as relações interpessoais e sua influência no processo de ensino-aprendizagem. Objetiva-se explicitar a relação professor-aluno e suas contribuições para a aprendizagem no ambiente escolar. Amparando-se na abordagem qualitativa, essa pesquisa realizou um estudo de caso sobre os relatos de experiência de 6 educadores de matemática da rede municipal de ensino do Ceará, que foram coletados através de um questionário online. A pesquisa revelou que as relações afetivas construídas em sala junto às intervenções pedagógicas, contribuem efetivamente para a mudança de atitudes de ambas as partes, bem como especificamente às aprendizagens dos alunos.

Palavras-chave: Relação professor-aluno. Afetividade. Aprendizagem.

Considerations about the teacher-student relationship for the learning process in the formal teaching context

Abstract

This article presents a discussion on interpersonal relationships and its influence on the teaching-learning process. Our main objective was to make explicit the teacher-student relationship and its contributions to learning in the school environment. A bibliographic study was carried out, based on the qualitative approach for the analysis of the experience reports of 6 mathematics educators from the municipal education system, which were collected through an online questionnaire. The research revealed that pedagogical interventions together with constructed affective relationships, effectively contribute to changing attitudes, as well as to students' learning.

Keywords: Teacher-student relationship. Affectivity. Learning.

1 Introdução



Existem diversos fatores que contribuem para a aprendizagem, dentre eles pode ser destacada a afetividade que influencia diretamente no desempenho do aluno durante seu processo de desenvolvimento. A relação professor-aluno necessita estar envolvida por afeto e compreensão de ambas as partes para que o ambiente se torne propício à construção do conhecimento. Na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, isto deve ocorrer, principalmente, para que as bases educacionais sejam formadas e os aprendizes estejam aptos a se relacionarem com a sociedade que os rodeia.

Veras e Ferreira (2010) trazem a teoria Walloniana como destaque nos estudos sobre a afetividade e sua relação para a construção pessoal do indivíduo e do conhecimento. As autoras afirmam que “a afetividade constitui um fator de grande importância no processo de desenvolvimento do indivíduo e na relação com o outro, pois é por meio desse outro que o sujeito poderá se delimitar como pessoa nesse processo em permanente construção” (VERAS; FERREIRA, 2010, p. 221). Desse modo, elas apontam a afetividade como essencial à aprendizagem e formação integral dos estudantes. Assim, não é apenas a variedade de conteúdos que irá chamar a atenção do aluno, mas sim a qualidade da relação entre professor e aprendiz, ou seja, os afetos envolvidos na sala de aula.

Paulo Freire (1996) enfatiza que a relação de respeito tem de ser criada entre professor e aluno, pois somente dessa forma o professor poderá efetuar seu trabalho e contribuir para a mudança na aprendizagem e na vida de seus aprendizes.

Qual estudante que não tem gravado em mente aquele professor a qual construiu uma boa relação e por isso despertou um interesse maior pela disciplina, pelas atividades escolares e até pela profissão? E qual estudante que, devido a dificuldades e estranhamentos com algum professor, prejudicou-se em alguma prova ou até criou certo repúdio por algum assunto disciplinar, sentindo-se desmotivado a participar das atividades regidas por aquele professor? Esses questionamentos nos impulsionaram a responder ao seguinte problema central: como uma boa relação entre professor e aluno contribui à aprendizagem no contexto formal de ensino?





O objetivo desse trabalho é explicitar a relação professor-aluno e suas contribuições para a aprendizagem no ambiente escolar. Como profissionais da educação, temos responsabilidade sobre aqueles que necessitam de nosso auxílio ao longo do processo de aprendizagem. Assim como afirma Castello et al. (2009, p.04), “Ter uma boa relação em sala de aula deve ser uma preocupação constante, visto que nós também temos limitações e que o tipo de relação que tivermos com nossos alunos influenciará para o sucesso de nossa profissão”, também para a efetivação das atividades sugeridas.

A relevância desse estudo está no estímulo a autorreflexão do educador e da sua prática, pois “o movimento da formação contínua inclui sempre um processo de transformação que, integrando a formação de si mesmo, enriquece-se das práticas e vivências” (ARAÚJO; ESTEVES, 2017, p. 19). O professor que valoriza práticas diferentes em seu local de trabalho acaba criando um espaço confortável e receptivo às exposições do aprendiz, desse modo, o incentivo a participação, valorizando as falas e opiniões dos alunos favorece a aprendizagem. É tarefa desse profissional também, buscar mecanismos que insiram aqueles alunos que, por alguma razão, sentem-se deslocados no ambiente da aprendizagem (LEITE; TAGLIAFERRO, 2005).

Diante disso, este artigo apresenta uma discussão a respeito da relação professor-aluno e a contribuição da afetividade no ambiente formativo, por se apresentar como um assunto de extrema importância para os pesquisadores da educação na atualidade. Esta produção visa apresentar algumas considerações sobre os tipos de relações construídas na escola, para isso, iremos discorrer sobre as contribuições que a afetividade pode colaborar para a aprendizagem.

2 Considerações sobre a influência da afetividade no processo de ensino e aprendizagem

2.1 O ato de ensinar e aprender





O professor precisa estar ciente do seu papel dentro do ambiente escolar, sempre disposto a adaptar o seu planejamento às condições dos seus alunos, buscando um aperfeiçoamento do seu trabalho e fazendo com que os educandos se tornem construtores do conhecimento junto com a sua mediação. O desenvolvimento do exercício docente envolve a relação objetividade-subjetividade que contribui para a postura de aproximação com os alunos e suas necessidades (SOUZA; MARQUES, 2019). Assim, é necessário buscar medidas que despertem a curiosidade e a criatividade dos estudantes, acompanhando o desenvolvimento individual e grupal da turma, sob uma perspectiva crítica e reflexiva, a fim de tornar cada indivíduo um agente da sociedade e conhecedor do mundo que o cerca.

Para Libâneo (2004, p.138), é fundamental a reflexão do professor para o aprimoramento de sua prática, pois “são necessárias estratégias, procedimentos, modos de fazer, além de um sólido conhecimento teórico, que ajudam a melhor realizar o trabalho e melhorar a capacidade reflexiva sobre o que e como mudar”. Cabe ao professor aprimorar sua formação técnica, mas sem desconsiderar uma postura de sensibilidade e adaptação das práticas pedagógicas frente aos desafios cotidianos. Desta forma, é a práxis, ação de reflexão e mudança contínua no ato de ensinar, que orientará a efetivação de um ensino significativo (GENÚ, 2018).

No que diz respeito à aprendizagem, o indivíduo precisa sentir-se instigado a investigar e construir as suas próprias considerações a respeito do que está sendo ensinado. Conforme D’Ambrosio (1996, p. 08) o conhecimento é resultado de um longo processo de organização intelectual, na qual o aluno procura “[...] realizar suas aspirações e responder às suas inquietudes”. E a forma como o educador irá apresentar o espaço escolar, a si próprio, os conteúdos e a forma de avaliação da aprendizagem poderão influenciar no interesse do aluno em aprender. Oliveira (2007, p. 99) afirma:

Para uma boa aprendizagem, é necessário, antes de mais nada, que o aluno possa contactar com os problemas ou com as situações consideradas como problemáticas, o que acontece mais facilmente nos trabalhos de grupo ou nas aulas práticas onde os alunos sentem os problemas mais ligados a si mesmos e tomam o curso como uma experiência que podem utilizar para resolver problemas.





O envolvimento dos alunos com as situações-problemas do seu cotidiano demonstra a necessidade de aprendizagem contextualizada e a importância dada aos momentos formativos vinculados às realidades diversas.

Inspirado em Vygotsky (1984), Lopes (2009, p.05) afirma:

[...] é importante perceber que como o aluno se constitui na relação com o outro, a escola é um local privilegiado em reunir grupos bem diferenciados a serem trabalhados. Essa realidade acaba contribuindo para que, no conjunto de tantas vozes, as singularidades de cada aluno sejam respeitadas. Portanto, para Vygotsky, a sala de aula é, sem dúvida, um dos espaços mais oportunos para a construção de ações partilhadas entre os sujeitos. A mediação é, portanto, um elo que se realiza numa interação constante no processo ensino-aprendizagem.

É no diálogo existente entre professor e aluno que se estabelece o diálogo e a mediação pedagógica, fatores determinantes no contexto formativo, pois inferem na produção de sentidos e significados dos saberes (VASCONCELLOS; BERNARDO, 2016).

Siqueira (2001, p.100) ressalta que para haver prazer pelo aprendizado “é necessário que o professor consiga despertar a curiosidade dos alunos”, além de acompanhar suas ações durante a participação nas atividades, caso contrário, esses indivíduos podem se sentir desconectados e, conseqüentemente, inseguros em suas hipóteses e inibidos ao dividirem com a turma no momento das aulas.

A partir disso, verificamos que de fato o processo de aprendizagem acontece de maneira árdua e conflitante, portanto necessita de uma maior atenção por parte de todos os responsáveis, sejam eles educadores, educandos, gestores ou familiares, para pensar e avaliar a prática, sendo flexíveis aos níveis de cada sujeito e moldando os seus planejamentos conforme os resultados demonstrados pelos aprendizes. As relações construídas no ambiente educacional são de extrema importância para o progresso no processo de ensino-aprendizagem, para a construção da confiança mútua e, por consequência, do comprometimento total.

2.2 A relação professor-aluno





Há muito se deixou de pensar que a sala de aula tem sua funcionalidade apenas para o desenvolvimento cognitivo e a transmissão de conhecimentos. Hoje, bem se sabe que as relações construídas no ambiente escolar estão além de uma aprendizagem meramente conteudista, com profissionais responsáveis apenas pela apresentação de assuntos e atividades didáticas.

Diversos estudiosos já ressaltavam a importância das relações com o meio e com os outros sujeitos presentes para uma aprendizagem efetiva e para um bom desenvolvimento das habilidades cognitivas. Dentre eles podem ser destacados: Vygotsky (1993, 1998) e Wallon (1968, 1971, 1978), que assumem o papel da afetividade para o aprendizado, defendendo a relação entre a afetividade e a inteligência, considerando este vínculo fundamental para o desenvolvimento humano.

De acordo com os autores Franco e Albuquerque (2010, p.183) “a relação educativa é entendida como relação de amor: a criança deseja aprender pelo seu desejo de ser aceita, recompensada e reconhecida como bom aluno”. Desse modo, os autores ainda afirmam que é papel do professor preparar essa relação baseando-se no respeito e no afeto, estabelecendo assim situações favoráveis de trabalho.

Leite e Tagliaferro (2005, p. 258) destacam que “as práticas pedagógicas que se constituem a partir da relação professor-aluno promovem a construção do conhecimento e vão marcando afetivamente a relação com o objeto a ser conhecido”.

Leite (2012, p. 365) defende que:

[...] a afetividade está presente em todas as decisões assumidas pelo professor em sala de aula, produzindo continuamente impactos positivos ou negativos na subjetividade dos alunos. Trata-se, pois, de um fator fundante nas relações que se estabelecem entre os alunos e os conteúdos escolares. A qualidade da mediação pedagógica, portanto, é um dos principais determinantes da qualidade dos vínculos que se estabelecerão entre os sujeitos/alunos e os objetos/conteúdos escolares.

Assim, entende-se que as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula podem favorecer ou prejudicar a aproximação do aprendiz com os conteúdos escolares. Isto porque, na mediação pedagógica, a forma de interação com os alunos, as estratégias utilizadas para apresentação dos conteúdos, as atividades propostas, os mecanismos de





correção e avaliação, o tempo dedicado para ouvir os sujeitos ao expressarem seus pensamentos, e a relação de proximidade construída em sala, têm, certamente, influência determinante para a construção da aprendizagem e desenvolvimento do interesse pelos conteúdos apresentados nesse ambiente.

Compreende-se, portanto, que uma prática pedagógica que se preocupa em construir uma relação afetiva com os estudantes e destes estudantes para com os conteúdos, viabiliza o desenvolvimento do interesse pela aula e, por conseguinte, pela aprendizagem do que está sendo apresentado nela.

3 Resultados e Discussões

Esta pesquisa é recorte de uma pesquisa maior realizada com professores que faziam parte do Projeto “O Círculo da Matemática do Brasil¹”. Tal pesquisa buscava analisar como os princípios pedagógicos e metodológicos do projeto influenciavam as relações afetivas construídas na sala de aula e de que forma contribuíam para o processo de ensino-aprendizagem. Para o presente estudo, utilizamos os depoimentos dos seis educadores que ensinavam na rede municipal de ensino do Ceará, em busca de perceber a compreensão que tinham quanto as situações de afetividade na sala de aula.

Os dados foram coletados por meio de um questionário *online*, com consentimento para produções posteriores. Para essa produção, utilizou-se apenas da pergunta específica: *Analisando a sua prática como educador(a) de matemática, explicita uma situação a qual você percebeu que desenvolver uma relação de afetividade com seus alunos iria contribuir para que as suas aulas ocorressem de forma bem sucedida.* Apresentaremos a seguir os resultados obtidos.

O Educador 1 relatou duas experiências durante as aulas:

¹ Este projeto atuou nas cinco regiões do Brasil entre 2013 e 2017, com aulas extracurriculares de Matemática para os alunos da rede pública do Ensino Fundamental I. Para mais informações consultar site: <http://www.ocirculodamatematica.com.br/>.





Eu tive uma experiência uma vez de um aluno que disse: - "Tia, eu não gosto de matemática". Esse mesmo aluno se mostrava desinteressado durante as aulas e tinha um comportamento muito indisciplinado. Percebendo isso, e observando o aluno, descobri que ele ama futebol e descobri o time que ele torce, que por incrível que pareça era o mesmo time que eu torço. Então, eu puxei conversa com ele: "Fulano, você viu que nosso time ganhou semana passada?". ele ficou tão feliz em ver que tinha uma conexão comigo, que depois disso, passou a ser um dos alunos mais interessados e mais amigo. A ideia é sempre buscar um ponto de contato com cada criança. Tive outra experiência em que uma aluna respondeu: - "Tia, você sabe meu nome!!" Ela disse isso quando eu a encontrei no intervalo da escola e a cumprimentei (Educador 1).

Em uma das experiências apontadas pelo Educador 1, observamos ser necessário que o professor procure conhecer seus alunos, criando formas de manter contato entre eles, de uma maneira respeitosa conforme afirma Freire (1996). Além disso, é preciso construir uma relação com eles, de maneira que sintam mais confiança para se expressar enquanto opinam ou contribuem na resolução de problemas propostos. Ao manterem uma boa convivência em que todos os envolvidos respeitam e são respeitados, teremos como consequência a redução, ou prevenção, do aparecimento de casos de indisciplina e de altos índices de evasão (PEREIRA; RIBEIRO, 2017).

Ainda sobre o educador 1, na segunda experiência relatada, percebemos que para construir uma boa relação aluno-professor, nem sempre é necessário técnicas muito avançadas, mas apenas com o simples fato de memorizar o nome do aluno, o professor poderá colaborar de maneira extremamente positiva para as interações entre os envolvidos. Tassoni (2000) aponta que as experiências vivenciadas em sala de aula transcorrem por uma vinculação afetiva entre adulto e criança, tornando-se familiar e confortável, tal qual a relação pai-mãe-filho, favorecendo então avanços no âmbito cognitivo.

O educador 2, reforçou a ideia de que é preciso conhecer bem os alunos. Por existir um acompanhamento durante as aulas e pelo fato dos próprios alunos construírem grande parte do conhecimento, visto que eles participam ativamente da aula com opiniões e sugestões, a partir do despertar da curiosidade ressaltada por Siqueira (2001), facilita o entendimento do raciocínio dos alunos e como chegaram a um determinado resultado. Vejamos:





Sou atenciosa e estou sempre aberta aos "pitacos" dos alunos, elogio as ideias, intercalo meninos e meninas para não formarem panelinhas, e sempre arrumo uma maneira de trazer todos ao quadro e me prontifico a estar ao lado dos mais "tímidos" ou "lentos" para auxiliá-los (Educador 2).

Em vista disso, precisamos estar atentos ao que acontece com nossos alunos, sempre que possível. Outro impacto positivo desse conhecimento relaciona-se a questão da colaboração para a criação de estratégias, de modo que seja possível manter todos os sujeitos concentrados na aula.

O educador 3 retrata um ponto relevante sobre a influência que a afetividade acarreta no desenvolvimento dos alunos:

Alunos que inicialmente são tímidos ou que tem medo de participar durante a aula, seja pela matéria ou por implicância dos alunos (por exemplo, "fulana demora muito para responder!", "fulano não fala nas aulas"), e com o tempo já participam tanto quanto os outros alunos que sempre foram mais comunicativos (Educador 3).

Muitas vezes, em salas de aula, alguns alunos permanecem quietos e sem atrapalhar a aula, todavia, isso não significa que estão entendendo as explicações dadas. Conhecer esses alunos, poderá se tornar uma estratégia poderosa para que possamos fazer com que eles voltem a compreender o que se passa durante a aula e, futuramente, fará com que esses mesmos alunos sintam-se confiantes o suficiente para darem suas contribuições para a construção do conhecimento.

O depoimento do educador 4, nos mostra que para construir uma relação positiva com seus alunos, o professor não precisa ser visto com uma autoridade máxima e o único detentor do conhecimento, mas como alguém que não sabe todas as respostas e que quer aprender junto com eles. Vejamos:

Ao fazer a reta dos números, as crianças falavam os números com certa rapidez e neste momento, aproveitei para errar de propósito a ordem dos números. Imediatamente um dos alunos gritou "Professora, ali não é 11, é 10! Você errou!" e eu perguntei se eu realmente estava errada. Ele meio inseguro respondeu que sim, e eu pedi que então ele viesse à lousa e corrigisse o meu erro. Após isto, percebi que os alunos se sentiram mais a vontade tanto para darem palpites na aula, tanto para irem a lousa. Então isto foi o pontapé inicial para o desenvolvimento de uma relação afetiva entre aluno e professor. Com isto as aulas decorreram de maneira bem mais produtiva (Educador 4).





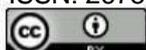
Conforme o depoimento do educador 5: “A principal forma de aproximação, acredito que seja as cadeiras dos alunos estarem em forma de círculo. De forma que eles não ficam presos ao papel e lápis”, entendemos que o fato dos alunos sentarem com as cadeiras em formato circular ajudará não apenas a relação professor-aluno, mas também nas as relações aluno-aluno, visto que terão mais facilidade de ouvirem as opiniões dos colegas e participarão em conjunto.

Uma coisa que me deixa inquieta, é que SEMPRE, tenho que dar pelo menos uma aula de "por favor e obrigado", no meu entendimento, isso deveria ser natural (educação familiar), entretanto, o trato entre eles sempre é através de gritos, xingamentos, violência. Durante minhas aulas, sempre os agradeço quando participam, peço por favor, peço que ao voltarem a sala de aula, pedirem licença, respeito acima de tudo. Essa "dinâmica" (que minha mãe me ensinou), tem um impacto imenso. Consegui observar essa mudança, quando faço aulas especiais, por exemplo, em uma escola teve um passeio, porém nem todos os alunos foram, então eles "juntaram" os alunos que não foram em duas salas de aula, entre eles, tinham alunos do Círculo² e alunos não participantes e de salas diferentes, ou seja, tinham alunos que eu não tinha contato. Durante a aula, todos os alunos do Círculo participavam da aula, sem gritar, de maneira "civilizada", em contra partida, os demais alunos, gritavam, brigavam entre si etc. [...] Então, vejo que tratar nossos alunos com educação, respeito, carinho, melhora e muito o desenvolvimento e o aprendizado. Esse resultado, essa atenção, esse carinho, não tem preço! (Educador 6)

Em relação ao que foi dito pelo educador 6, o fato de ensinar as crianças as conhecidas palavras “mágicas” (por favor, com licença, obrigado), apesar de ser algo simples, irá colaborar para a melhoria da relação professor-aluno, porquanto uma mediação pedagógica feita de maneira respeitosa e com qualidade assim como Leite (2012) idealiza, desencadeará tanto o desenvolvimento subjetivo do aluno quanto o bom andamento das aulas, tornando-as assim mais propensas ao aprendizado. Além disso, melhorará também a relação desse aluno com a sociedade em que vive. E, talvez, possam inspirar outros alunos a fazerem o mesmo.

Desse modo, podemos perceber que a maioria dos relatos de experiência refere-se a situações que enfatizavam a questão de estar atento ao que acontece com os alunos, tanto no ambiente da aula quanto em ambientes externos a ela. Os educadores

² Projeto especial de Ensino de Matemática do qual essa educadora era responsável na escola.





justificaram essa percepção afirmando que ao construir uma boa relação com os educandos, demonstrando a sua importância, os momentos de aprendizagem poderiam ocorrer de maneira mais efetiva.

Em alguns casos a intermediação do professor ocasionou a mudança de atitude por parte dos alunos em relação ao seu comportamento em sala de aula, de modo que antes da medida tomada pelo professor, o aluno apresentava indisciplina durante as aulas, dificultando o aprendizado dos conteúdos abordados para todos os sujeitos presentes e, após a mediação, passou a apresentar maior interesse pelas aulas.

Por meio dos depoimentos coletados foi possível constatar que conhecer os alunos possibilita a formulação de estratégias para solucionar os problemas existentes e fazer com que os próprios alunos se sintam mais confiantes, colaborando para o aprendizado de um modo geral.

4 Considerações finais

Na tentativa de responder a problemática de como uma boa relação entre professor e aluno contribui à aprendizagem no contexto formal de ensino, este trabalho se propôs a explicitar a relação professor-aluno e suas contribuições para a aprendizagem. Percebemos que quanto mais a prática pedagógica for centrada no aluno, na qual ele possa se autoafirmar como construtor do conhecimento juntamente com a mediação do professor, o processo de aprendizagem e as relações socioafetivas se efetuarão de forma mais rica e saudável.

O que podemos testificar durante toda a pesquisa que deu origem ao presente trabalho foi o fato que há uma relação de influência direta sobre o predomínio da vida afetiva para o desenvolvimento intelectual. Por intermédio dos depoimentos coletados, foi possível comprovar a importância das relações afetivas construídas pelos professores investigados, porquanto as intervenções realizadas contribuíram efetivamente para a mudança de atitudes, bem como às aprendizagens dos alunos.





Portanto, concluímos que o profissional da educação deve estar ciente da sua influência para com a sua relação tanto com os alunos quanto com os conteúdos, levando em consideração os pontos positivos e negativos, aperfeiçoando a sua prática e moldando-a de acordo com o público-alvo que irá trabalhar, para que compartilhe e aprenda juntamente com seus estudantes e desenvolva as atividades de forma eficaz, gerando assim nos aprendizes o sentimento de satisfação e confiança quanto às experiências no ambiente escolar.

Referências

ARAÚJO, R. M.; ESTEVES, M. M. A formação docente, inicial e contínua, para o trabalho com adultos em Portugal: o olhar dos professores. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 18-35, 2017. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/121> Acesso em: 30 jun. 2019.

CASTELLO, H.; MANNA, Q.; ENGRAZIA, K. A relação professor-aluno. **Psicoeduc.** Porto Alegre: UFRGS, 2009.

D'AMBROSIO, U. **Educação Matemática: Da Teoria à Prática**. 23. ed. Campinas: Editora Papirus, 2012.

FRANCO, V.; ALBUQUERQUE, Carlos. M. S. Contributos da psicanálise para a educação e para a relação professor-aluno. **Millenium**, n.38, p. 173-200, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/303> Acesso em: 30 jun. 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica**. São Paulo: Paz e Terra, p. 165, 1996.

GENÚ, M. A abordagem da ação crítica e a epistemologia da práxis pedagógica. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 3, n. 3, p. 55-70, 2018. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/856> Acesso em: 07 nov. 2019.

LEITE, S. A. da S. Afetividade nas práticas pedagógicas. **Temas Psicológicos**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 2, dez. 2012.

LEITE, S. A. da S.; TAGLIAFERRO, A. R. A afetividade na sala de aula: um professor inesquecível. **Psicol. esc. educ.**, Campinas, v. 9, n. 2, dez. 2005.





LIBÂNEO, J. C. A aprendizagem escolar e a formação de professores na perspectiva da psicologia histórico-cultural e da teoria da atividade. **Educar em Revista**, n. 24, p. 113-147, Curitiba: Editora UFPR, 2004. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a06.pdf> Acesso em: 30 jun. 2019.

LOPES, R. de C. S. A Relação Professor Aluno e o Processo Ensino Aprendizagem. **Programa de desenvolvimento educacional**: Governo do Estado do Paraná. 2009.

Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-8.pdf>

Acesso em: 30 jun. 2019.

OLIVEIRA, J. H. B. **Psicologia da Educação**: Ensino – Professor. v. 2, Porto: Legis Editora, 2007.

PEREIRA, A.; RIBEIRO, C. S. A culpabilidade pelo fracasso escolar e a interface com os “problemas de aprendizagem” em discurso. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 95-110, 2017. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/138> Acesso em: 30 jun. 2019.

SIQUEIRA, D. de C.a T. Relação professor-aluno: uma revisão crítica. **Conteudoescola**. Ano IX, v. 15, n. 33. 2004. Disponível em:

http://www.usjt.br/proex/arquivos/produtos_academicos/97_33.pdf Acesso em: 30 jun. 2019.

SOUSA, E.; MARQUES, E. O processo de constituir-se professor na relação objetividade-subjetividade: significações acerca da mediação social na escolha pela docência. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 82-96, 2019. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/841> Acesso em: 07 nov. 2019.

TASSONI, E. C. M. Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno. **Psicologia, análise e crítica da prática educacional**. Campinas: ANPED, 2000. p.1-17. Disponível em:

<http://23reuniao.anped.org.br/textos/2019t.PDF> Acesso em: 30 jul. 2019.

VASCONCELLOS, K. R.; BERNARDO, E. Profissionalização docente: reflexões e perspectivas no Brasil. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 208-222, 2016.

Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/109> Acesso em: 06 jul. 2019.

VERAS, R. S.; FERREIRA, S. P. A. A afetividade na relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem, em contexto universitário. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 38, p. 219-235, set./dez. 2010.



ⁱ **Priscila Alves de Paula Belo**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8783-271X>

Mestra em Educação pela Universidade Federal do Ceará e Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Contribuição de autoria: Produção escrita e coleta de dados.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8556728200487338>

E-mail: priscilaapbello@gmail.com

ⁱⁱ **Rayssa Melo de Oliveira**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8234-8240>

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará, Mestre e Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará e professora da Rede Municipal de Fortaleza.

Contribuição de autoria: Produção escrita e revisão.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9598760381296500>

E-mail: rayssamelodeoliveira@gmail.com

ⁱⁱⁱ **Renato Carneiro da Silva**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0170-3563>

Doutorando e Mestre em Educação na Universidade Federal do Ceará (UFC); Psicopedagogo pelo Centro Universitário Farias Brito e Licenciado em Pedagogia pela UFC.

Contribuição de autoria: Produção escrita e revisão.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0679383149333326>

E-mail: renatocprof@gmail.com

Editora responsável: Cristine Brandenburg

Especialista *ad hoc*: Francisco Ricardo Miranda Pinto

Como citar este artigo (ABNT):

BELO, Priscila Alves de Paula; OLIVEIRA, Rayssa Melo de; SILVA, Renato Carneiro da. Reflexos da relação professor-aluno para a aprendizagem no contexto formal de ensino.

Rev. Pemo, Fortaleza, v. 3, n. 2, e323880, 2021.

Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v3i2.3880>

Recebido em 28 de agosto de 2020.

Aceito em 21 de setembro de 2020.

Publicado em 03 de janeiro de 2021.